Doces dias ácidos

Taty Ferreira

Doces dias ácidos

Outro Planeta

Preparação: Elisa Nogueira
Revisão: Giovana Bomentre e Laura Vecchioli
Diagramação: 2 estúdio gráfico
Capa: Luiz Sanches Junior
Imagem de capa: Larissa Lali

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Ferreira, Taty
Doces dias ácidos : um romance sobre a vida real / Taty Ferreira. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2017.
224 p.

ISBN: 978-85-422-1133-7

1. Ficção brasileira I. Título

17-1178 CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira

2017
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Ao Aureo, parceiro e cúmplice incondicional.
À Nina, Leho e Felipe, peças fundamentais
para a existência deste livro.

Um livro para ser lido ao som de Pagan John.

“A vida é amarga e doce.
Por isso não há outra forma
de descrevê-la senão captando
esses dois sabores.”

Jim Harrison

Levei muito tempo para perceber que meu relacionamento tinha acabado.

Quando notei que não dava mais, tive um daqueles ataques de ansiedade típicos de toda mulher que passou tempo demais acreditando que o desencanto e as brigas eram apenas uma fase.

Havia muito tempo que já não éramos namorados.

Éramos cúmplices, dependíamos um do outro emocionalmente e tínhamos sido parceiros em alguns momentos. Mas passávamos a maior parte do tempo sendo fiéis à ideia de que voltaríamos a ser aquele casal de namorados dos primeiros meses de relacionamento. Insistíamos incansavelmente em acreditar que, algum dia, a paixão iria descer do céu como uma entidade e se apossar de nós, e voltaríamos a ser aquele casal impulsivo, obcecado um pelo outro, que não conseguia passar mais de doze horas sem se ver.

Foi em 23 de abril de 2015. Nunca vou me esquecer dessa data, apesar de, por muito tempo, ter desejado esquecê-la a ponto de preferir ter uma amnésia. Esse dia mudou minha vida, me fez acordar para a realidade, me fez perceber que aquilo que eu estava propondo a mim mesma era insustentável. O mais difícil foi aceitar que não fui capaz de sair

daquela situação por conta própria e que, se não fosse ele a romper o laço, eu teria continuado presa naquele relacionamento deplorável até Deus sabe quando.

Nós tínhamos nos conhecido num aeroporto; eu voltava de uma viagem à casa de uma amiga, e ele voltava de uma reunião, coisa que, eu viria a descobrir, não era tão comum.

Estávamos sentados lado a lado quando anunciaram que o voo 2376 seria atrasado por causa do mau tempo. Pelo suspiro que ele soltou, pude perceber que estávamos esperando o mesmo voo. Era a primeira coisa que descobriríamos ter em comum, entre tantas outras que estavam por vir.

Sempre gostei de conversar com estranhos, principalmente em aeroportos. Era muito importante criar laços com gente que eu não conhecia, mas que poderia vir a segurar minha mão caso alguma coisa desse errado nas alturas. Meu medo paralisante de viagens de avião nunca foi segredo para ninguém.

Então, querendo colocar em prática minha tática de afeição por proximidade e garantir uma companhia em caso de possíveis desastres, e também prevendo que eu passaria horas entediada esperando que o tempo melhorasse, fiz aquilo que já estava mais que acostumada a fazer e puxei papo com o estranho ao meu lado.

— Então você também está esperando o voo 2376?

Sendo bem sincera, eu nem tinha olhado para o rosto dele antes de fazer a pergunta. Eu estava solteira havia alguns meses, mas nunca achei que aeroportos eram um bom lugar para paquerar. Considerando meu pavor de voos, eu me sentia mais prestes a entrar numa cirurgia de risco do que num daqueles programas de auditório em que as pessoas vão para encontrar um namorado.

Mas ele se virou para mim sorrindo, de um jeito que não deixava claro se era um sorriso nervoso ou apenas discreto. Seja lá o que fosse, seu sorriso me fez perceber que eu queria ver aquele rosto todos os dias da minha vida.

Acho que é o que as pessoas chamam de amor à primeira vista. Não sei muito bem como explicar o que senti, mas era como se algo estivesse aquecendo todo o meu tronco, ruborizando meu rosto e me fazendo calcular mentalmente cada palavra que eu incluiria naquela conversa.

Automaticamente, ajeitei a coluna, me sentei de maneira mais elegante e tentei controlar cada um dos muitos músculos do rosto pra que ele não percebesse que eu estava caidinha por ele. Anos depois, na noite em que decidimos começar a planejar nosso casamento, descobri que todo o meu esforço tinha sido um desperdício de tempo, porque ele descreveu em detalhes todos os meus movimentos, explicando como percebeu imediatamente que o jogo já estava ganho.

Naquela época, eu tinha vinte anos e cursava arquitetura numa universidade federal. Morava sozinha numa quitinete que eu gostava de chamar de lar e tinha pouquíssimos amigos, a maioria deles da época da escola, e todos morando em cidades diferentes.

Ele tinha vinte e oito anos e decidira não fazer faculdade, preferindo cuidar dos negócios da família, uma gráfica que havia anos tentava, sem sucesso, transformar em uma editora. Era apaixonado por livros, preferencialmente as obras de escritores amadores que utilizavam blogs para divulgar seu trabalho e muitas vezes nem sabiam o quanto escreviam bem. Eram autores que ele e sua família tentavam desesperadamente publicar por puro amor à boa literatura.

Essa foi a segunda coisa que descobrimos ter em comum: éramos dois apreciadores fervorosos de literatura amadora.

Parecia algo fadado a acontecer.

Roteiro de um filme de Hollywood.

Um estranho com um sorriso lindo.

Aguardando o mesmo voo.

Sentado ao meu lado.

Dividindo um mesmo interesse estranho.

Foi assim que nos conhecemos. Depois de horas conversando amenidades no saguão de espera, entramos no avião, onde estávamos sentados em poltronas distantes. Eu, cabisbaixa, lamentava internamente que ele já estivesse se tornando mais um dos tantos estranhos com quem tive o prazer de conversar sobre qualquer coisa e alguém que eu jamais reencontraria.

Então, quase num impulso de sobrevivência, lembrei que tinha uma caneta na bolsa e, aproveitando o guardanapo que a aeromoça havia acabado de me entregar, anotei meu número de telefone e fui até a poltrona em que ele estava.

— Caso você precise de sugestões de bons livros para ler.

Dessa vez, não tive dúvidas de que o sorriso que recebi em retorno foi de satisfação.

Eu sabia que era um tiro no escuro, mas jamais me perdoaria se tivesse deixado aquela oportunidade passar. Esse foi o mantra que repeti a mim mesma nos cinco dias seguintes ao meu retorno.

Dei continuidade às minhas atividades cotidianas: ia à faculdade, almoçava macarrão instantâneo e me esforçava para desenhar linhas retas que, em teoria, seriam as paredes da casa de alguém, mas, na verdade, queria mesmo era estar discutindo romances desconhecidos com aquele cara do

aeroporto. Eu estava tão nervosa que nem tinha lembrado de perguntar o nome dele. À noite, eu saía para jantar meu cachorro-quente de cada dia e depois dormia, pronta para repetir tudo novamente quando acordasse.

Sempre que me lembrava dele tentava me convencer: "Você fez sua parte. Foi corajosa o suficiente para dar um tiro no escuro. Você fez sua parte. Fez tudo que podia".

Até que, num domingo à noite, meu telefone tocou.

— Oi, eu conheci você no aeroporto outro dia — disse ele. — Você me deu seu telefone, caso eu precisasse de dicas de bons livros, mas, na verdade, tô ligando mesmo porque fiquei curioso para saber seu nome.

E, assim, eu descobri mais uma coisa em comum: nós dois tínhamos passado a semana nos martirizando por não termos sequer perguntado o nome um do outro.

— Tô ligando também porque achei que talvez você gostaria de ler um dos originais que tenho aqui na gráfica — continuou ele. — Será que você topa?

E eu topei. Por quase cinco anos, eu topei.

Estávamos namorando havia pouco mais de três anos quando as coisas começaram a dar errado na minha vida.

Eu havia me formado há praticamente um ano e não encontrava emprego em lugar algum. Meus pais já me sustentavam em outra cidade desde o início da faculdade. Eles insistiam em repetir que isso não era um peso para eles, e talvez não fosse mesmo, já que sou filha única. Além disso, sendo as boas pessoas que eram, eles compreendiam que, em meio à crise econômica que estávamos vivendo, ninguém estava interessado em investir, quanto mais em contratar uma profissional recém-formada.

Saber que eles não se importavam em me bancar fazia eu me sentir pior ainda. Depender de alguém sempre foi complicado para mim. Enquanto alguns amigos faziam cursos de graduação à noite, em universidades particulares, podendo trabalhar durante o dia e arcar com suas despesas individuais, eu havia escolhido um curso integral que exigiu muito do meu tempo, me impedindo de trabalhar. Eu compreendia que tinha sido necessário receber ajuda financeira durante minha graduação e tolerava a dependência estendida, mas sentia inveja ao ouvir as reclamações de amigos independentes, que diziam que o dinheiro mal dava para pagar a mensalidade da faculdade e cobrir as despesas de alguns momentos de descontração, quando sobrava tempo num final de semana ou outro. Quando eu reclamava da minha situação de completa dependência, o que ouvia era: "Queria eu não ter que ralar tanto para arcar com minha própria graduação!".

Aparentemente, a grama do vizinho sempre era mais verde e a inveja era mútua.

Para justificar o investimento dos meus pais no meu futuro, eu me candidatava para todas as bolsas de pesquisa ou monitoria, sempre fracassando miseravelmente. Apesar de ser uma aluna aplicada, eu estava longe de ser a melhor da classe e mais longe ainda de ser a mais sociável. Era um tema digno de análise freudiana o quanto eu preferia fazer amizade com estranhos que eu jamais voltaria a ver a criar laços afetivos com aqueles que faziam parte do meu dia a dia. Sabia que esse comportamento diminuía minhas chances de sucesso, mas continuei me candidatando a bolsas durante toda a graduação, sempre esperançosa e sempre me consolando com o velho e bom mantra: "Você fez sua parte".

Em compensação, fiz todos os estágios não remunerados que a falta de tempo me permitiu. Já que minhas habilidades sociais no ambiente acadêmico não eram tão boas, escolhi vencer pelo esforço e conhecimento prático. Queria sair da faculdade sabendo o máximo que pudesse da parte prática do trabalho para garantir as melhores chances de conseguir um emprego.

Analisando todo o meu esforço, confiava piamente que conseguiria um bom emprego nos três primeiros meses após a formatura. Quase um ano depois da conclusão do curso, isso ainda não havia acontecido.

Eu nem procurava mais um bom emprego. Qualquer emprego que pagasse minhas despesas pessoais bastaria. Distribuí meu currículo em todos os lugares em que havia vagas, mas, com frequência, ao entregá-lo, recebia a resposta de que só estavam contratando pessoas com experiência. Por diversas vezes, fiquei indignada, perguntando-me como diabos eu teria experiência como atendente, vendedora ou caixa se ninguém me dava uma chance de trabalhar.

Em outros momentos, vi meu currículo ser dispensado quando o empregador notou que eu era recém-formada. Eu não entendia se o fato de ter estudado uma área específica por cinco anos me fazia menos merecedora de um emprego em outra área ou se a pessoa acreditava que eu recusaria o emprego ao qual eu mesma me candidatara porque tenho um diploma.

Diploma, aliás, que eu sequer fui buscar na faculdade. Era preciso pagar um valor considerável para ter um papel vistoso que se pudesse emoldurar e colocar na parede e provar que você realmente tinha terminado o curso. Eu havia prometido a mim mesma que esse valor seria pago com meu

próprio suor; sendo assim, o diploma continuava na faculdade, esperando meu primeiro salário.

Toda essa busca incessante por um emprego, junto à pressão interna de ter passado dos vinte e poucos anos sendo ainda dependente dos meus pais e a falta de amigos e parentes próximos, me deixou extremamente frustrada. Tentando afastar o sentimento de culpa e aproveitar meu tempo livre, dei início a um mestrado.

Eu estava buscando uma válvula de escape e claramente recalcando o fato de não conseguir construir minha própria trajetória. De alguma maneira, a história que eu tinha sonhado em construir para mim era depositada naqueles projetos lineares, em plantas de prédios onde outras pessoas viveriam.

Com o tempo, essa pressão interna excessiva foi se transformando em falta de vontade de viver, à qual foi acrescentada a falta de esperança e a aversão a qualquer atividade que despendesse energia. Eu vivia entre o esforço para conseguir sair da cama e a espera insuportável pelo fim do último horário de aula para que eu pudesse retornar ao meu quarto. Enquanto isso, Henrique, generoso e bom rapaz, tolerava meu mau humor, minhas crises de choro e minha impaciência.

Foram meses assim, relutando pra sair da cama, observando minhas roupas ficarem cada vez mais largas e vendo Henrique entrar no quarto, insistir que era hora de acordar e se esforçar para que eu comesse alguma coisa. Até que, um dia, eu não tive mais forças nem vontade de sair da cama e me permiti gastar o dia todo deitada, dormindo ou esperando o tempo passar.

No outro dia, repeti a mesma coisa.

Acordava.

Ia ao banheiro.

Retornava para a cama.

Dormia.

Acordava.

Esperava o tempo passar.

Ia ao banheiro.

Voltava para cama.

Inferno astral. Foi o nome que dei para a falta de ânimo e de apetite, mesmo que Henrique tentasse me persuadir repetindo, incansavelmente, que não existia inferno astral que se prolongasse por tantos meses.

Ele falava em depressão, em procurar ajuda. Dizia que eu devia aceitar minha condição, o que se misturava a frases como "você já deve estar desidratada de tanto chorar" e "ao menos coma alguma coisa".

Eu temia que o telefone tocasse e trouxesse o medo incontrolável que eu sentia daquele tilintar tão usual e me irritava quando Henrique tentava me incentivar a fazer uma visita aos meus pais. Tudo que estava fora daqueles trinta e seis metros quadrados que eu considerava minha casa me aterrorizava.

Aquela quitinete era minha fortaleza. Simplesmente pensar em chegar perto da porta me causava falta de ar, me deixava próxima de perder todo o controle. O corredor atrás daquela porta, sempre limpo e tranquilo, significava perigo iminente. Eu não sabia explicar por que me sentia assim, mas tudo que não fosse parte do meu cantinho era aterrorizante.

Por fim, depois de passar quatro dias sem conseguir reunir empenho suficiente para tomar banho, comecei a assumir para mim mesma que aquilo era maior do que um simples inferno astral. Era hora de visitar um médico.

Henrique me acompanhou. Voltamos para casa de táxi, e, no silêncio gritante que eu, ele e o motorista compartilhamos, comecei a digerir as palavras do médico.

Distúrbio do pânico.

Transtorno de ansiedade.

Impossibilidade de tomar atitude.

Bastante comum em mulheres de dezoito a trinta e cinco anos.

Estresse.

Terapia.

Ansiolítico.

Descanso.

Muitas palavras, mas eu não conseguia sentir nada. Quis sentir pena de mim, quis sentir raiva por ter perdido o controle, quis sentir vontade de mudar, mas a grande verdade é que eu só queria voltar para minha cama, para o lugar onde me sentia segura.

O tratamento durou anos. Tomei os remédios recomendados durante semanas antes de conseguir reunir energia suficiente para marcar uma consulta com uma terapeuta. Passei algumas semanas com meus pais. Mantive-me na terapia e consegui me livrar dos remédios alguns meses antes daquele fatídico 23 de abril.

Eu me sentia melhor a cada dia, e a terapia era o lugar perfeito para aliviar minhas frustrações. Os remédios me davam o ânimo que eu não sentia havia muito tempo, e com isso fui conseguindo retomar os estudos e a procura por um emprego como arquiteta.

Embora o ano de 2013 tenha sido bem mais tranquilo que o anterior, não posso dizer que meu tratamento e minhas autodescobertas contínuas não tenham pesado em meu

relacionamento. Nessa época, Henrique ainda continuava em sua busca por um romance no qual apostar todas as fichas, o primeiro romance a ser publicado por sua gráfica com pretensões de editora.

Infelizmente, o negócio da família não ia bem. A internet conquistava cada vez mais espaço na vida das pessoas, fosse com a popularização da banda larga ou dos smartphones. Com isso, toda a publicidade que antes era feita com panfletos e banners migrava para sites, páginas e perfis em redes sociais. Além disso, todos os trabalhos escolares e acadêmicos que antes precisavam ser impressos e encadernados agora eram entregues na forma de anexo em e-mails.

Se, por um lado, milhares de árvores eram salvas pela economia de papel, por outro víamos o negócio da família morrer aos poucos. A gráfica, que tinha sido uma das maiores da cidade, transformava-se num espaço onde as pessoas iam quando precisavam fazer cópias de seus documentos.

Essas complicações, é claro, tornaram-se um peso para ele. O faturamento do mês mal era suficiente para pagar as contas, e faltava dinheiro para investir. O sonho de transformar a gráfica em editora ficava cada vez mais incerto.

Durante muito tempo, nós nos esforçamos para ser o porto seguro um do outro. Ele tentava me apoiar nos dias mais difíceis. E eu tentava segurar as pontas quando o via descrente de um futuro promissor. Mas acredito que, diante do meu quadro de depressão e transtorno do pânico, ele, sendo altruísta como era, não se permitia demonstrar fragilidade. Aos poucos, deixou de conversar comigo sobre seus problemas e suas inseguranças e dava um jeito de evitar as perguntas que eu fazia em relação à sua vida pessoal, preferindo tentar fazer com que eu enxergasse positivamente as coisas à minha volta.

Para ele, era ótimo que eu não tivesse um emprego, pois assim eu podia me concentrar inteiramente em me especializar, o que com certeza traria bons frutos no futuro. Ele insistia que meu quadro depressivo estava sendo uma boa lição sobre o quanto devíamos ver valor nas pequenas coisas do dia a dia. Era assertivo em dizer que o tratamento era uma ótima oportunidade para que eu me conhecesse melhor e descobrisse o que realmente era importante pra mim.

Quando comecei a dar sinais de melhora, ele adotou uma gata para mim, insistindo que eu tivesse companhia na quitinete, que, a essa altura, eu havia definitivamente apelidado de “fortaleza”. “Essa fortaleza é grande demais só para você”, escreveu no cartão que prendeu no laço ao redor do pescoço da gatinha.

Eu resolvi chamá-la de Tapioca, e, em todos esses anos juntas, ainda não me ocorreu nenhum nome mais propício para o pequeno ser de pelagem branca e olhinhos amendoados.

Embora o otimismo de Henrique chegasse a soar piegas, nunca senti que ele precisasse se esforçar para demonstrá-lo. Era parte dele, era inato. Contudo, tornava-se mais claro, a cada dia, o quanto ele se anulava tentando não me causar desconforto.

Jantávamos juntos todas as sextas-feiras. Esse era nosso único ritual sagrado. Eu cozinhava, e ele trazia o vinho. O prato principal era sempre massa. Linguine ao pesto. Penne à carbonara. Espaguete à bolonhesa. Nos dias em que estava muito inspirada, eu até me arriscava a fazer canelone recheado com ricota.

Bebíamos enquanto eu contava a ele sobre o meu dia. Ele falava sobre amenidades; muitas vezes, era como se eu estivesse conversando com alguém que encontrei no elevador.

Nós não dialogávamos mais. A conversa seguia um fluxo único. Eu falava sobre como me sentia e sobre os acontecimentos incomuns que eu havia notado naquela semana, e ele era condescendente.

Diversas vezes, eu tentava puxar assunto, fazê-lo se abrir. Insistia que ele me contasse também as partes não tão legais dos dias dele, mas ele permanecia no mesmo *modus operandi*, desconversando com a desculpa de que não eram coisas tão importantes assim para serem levadas em consideração.

Tapioca observava tudo, de longe, deitada no parapeito da janela como se esperasse um sinal para pular e salvar os pobres indefesos que passavam pela rua lá embaixo.

A falta de diálogo me irritou algumas vezes. Numa dessas ocasiões, dei início à segunda discussão séria que tivemos em quatro anos de namoro quando o acusei de me tratar como uma criança e esbravejei que eu não precisava ser protegida.

— Você age como se eu fosse uma paciente num hospital psiquiátrico! — reclamei. — A impressão que tenho é que você acha que se não me proteger e ocultar seus problemas, vou acabar numa camisa de força. Mas não é assim. Eu continuo sendo a mesma pessoa!

Nessa noite, fiz de tudo para tirá-lo do sério.

Chorei. Esbravejei. Falei que estava cansada de implorar por sexo e vê-lo virar-se para o lado dizendo que estava exausto. Berrei que não aguentava mais ser tratada como filha, e não como namorada.

Eu esperava uma reação extrema. Queria que ele gritasse comigo, que ficasse ofendido com minha sinceridade, que saísse dali batendo a porta e jurando nunca mais voltar a falar comigo. Mas, ponderado como era, ele me olhou como quem

olha para uma criança desamparada e tentou me abraçar. Até Tapioca teve uma reação mais evidente ao pular do parapeito da janela e correr para se esconder embaixo da cama.

Hoje, eu sei que ele se sentia tão devastado quanto eu. Compreendi isso quando me ligaram às cinco horas da manhã perguntando se eu tinha algum parentesco com Henrique Furlan. Na noite daquele 23 de abril, assim como em muitas outras anteriores, pelo que fiquei sabendo, ele caminhara sem rumo pelas ruas da cidade durante a madrugada, desejando que suas angústias e frustrações se desvanecessem e que ele obtivesse paz suficiente para dormir durante o resto da noite sem se atordoar com sonhos distantes que nunca se realizariam e com a falta de esperança que o consumia.

Henrique tinha sido encontrado por um motorista de ônibus durante a primeira viagem do dia. Ele estava caído num cruzamento. Ainda tinha sua carteira e seu celular consigo, ambos intactos. A única coisa que não parecia intacta era ele.

Uma ambulância tinha sido chamada.

Os bombeiros o atenderam com prontidão.

Já era tarde demais.

Em seu celular, notaram que meu número era o mais frequente entre as ligações. A última chamada realizada tinha sido para mim. Por telefone, informaram apenas que ele havia sofrido um acidente e estava sendo encaminhado para um hospital, mas a verdade é que ele já entrou na ambulância sem vida.

Posteriormente, as câmeras de segurança confirmaram as suspeitas da polícia: um carro desgovernado tinha subido na calçada e o atingido em cheio, arremessando seu corpo a mais de cinco metros de distância. Por meio das gravações, soubemos também que trinta e nove minutos se passaram até

que alguém o visse ali. O responsável por essa tragédia, como já era de se esperar, dera ré no carro e fora embora como se nada tivesse acontecido.

Infelizmente, a qualidade das imagens e o posicionamento da câmera não tinham sido suficientes para que se pudesse ler a placa do automóvel.

Henrique estava morto e o assassino, impune.